

CULTURA BRASILEIRA, PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO: A TEODICÉIA DUALÍSTICA BRASILEIRA TENDO COMO EXEMPLO O CASO IURD¹

*Brazilian culture, pentecostalism and neopentecostalism:
the brazilian dualistic theodics having as an example the
case of IURD*

Odilon Mendonça de Oliveira Junior²

RESUMO

Todo o mundo Antigo era rodeado pelo sagrado que dominava relações humanas desde o nascimento até a morte. O sagrado rodeava o ser humano em todas as suas circunstâncias. A partir da modernidade tal fenômeno começa a desaparecer em direção à um mundo desencantado, a ciência moderna oferece explicações naturais dos fenômenos da existência humana, o mundo moderno é de matérias e seres naturais, moldáveis,

¹ O artigo foi recebido em 20 de agosto de 2017 e aprovado em 18 de setembro de 2017 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

² Licenciado em Pedagogia (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), Licenciado em Filosofia (Faculdade Católica de Anápolis), Bacharel em Teologia (Faculdade Unida de Vitória), Licenciado em História (Universidade Estadual Vale do Acaraú), Especializado em Ciência Política (Universidade Estadual de Goiás), Especializado em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (Sociedade de Educação Continuada), Mestre em Ciências das Religiões (Faculdade Unida de Vitória).

usáveis, subjugáveis, transformáveis para o consumo e a produção de riqueza humanas. A religião passa a ter lugar apenas ou na consciência individual ou na transcendentalidade absoluta que o excluía completamente das infirmitades da existência humana. No entanto o mundo moderno não consegue satisfazer as relações de sentido do ser humano moderno. As principais revoluções sempre tiveram dificuldades em explicar o problema do mal no mundo, tentando equacionar as relações existentes entre a bondade e soberania de Deus em sua plenipotência e a existência do mal no mundo. Nesta perspectiva se percebe na sociedade brasileira atualmente uma teodiceia dualista comum à maioria das pessoas. Tal dualismo é verificado em todas as principais religiões e na realidade da existência ordinária da maioria da população brasileira, reproduzindo sempre as relações sociais existentes na sociedade desde sua origem. Tais elementos permaneceram no inconsciente coletivo dos brasileiros, de maneira a formarem um núcleo sintético comum de natureza dualista mais ou menos permeando todas as manifestações religiosas. É deste núcleo comum que fortemente se valerá a IURD em todas as suas atividades litúrgicas.

Palavras-chave: Pentecostalismo; neopentecostalismo; teodiceia; dualismo; brasileiro(a).

ABSTRACT

The whole Old world was surrounded by the sacred that dominated human relations from birth to death. The sacred surrounded the human being in all his circumstances. From modernity such phenomena begin to disappear towards a disenchanted world, modern science offers natural explanations of the phenomena of human existence, the modern world is of materials and natural beings, moldable, usable, subjugable, transformable for consumption and Production of human wealth. Religion takes place only in individual consciousness or absolute transcendentality that completely excluded it from the infinities of human existence. Yet the modern world can not satisfy the sense relations of the modern human being. The major revolutions have always had difficulty explaining the problem of evil in the world, trying to equate the relations between God's goodness and sovereignty in their plenipotence and the existence of evil in the world. In this perspective, it is possible to perceive in Brazilian society a dualistic theodicy common to most people. Such dualism is verified in all the major religions and in the reality of the ordinary existence of the majority of the Brazilian population, always reproducing the social relations existing in society since its origin. Such elements remained in the collective unconscious of the Brazilians, so as to form a common synthetic nucleus of a dualistic nature more or less permeating all religious manifestations. It is from this common core that IURD will be strongly valued in all its liturgical activities.

Key-words: Pentecostalism; neo-pentecostalism; theodicy; dualism; brazilian.

INTRODUÇÃO

O que torna particularmente interessante o estudo do neopentecostalismo é que este não tem características doutrinárias e de práticas litúrgicas propriamente suas, ele se apropria de elementos de toda a religiosidade brasileira no intuito de reunir adeptos oriundos de todas as esferas religiosas. Assim, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus, pode ter, na mesma liturgia, uma das sessões de uma novena (copiada do catolicismo romano) especial para expulsão de espíritos que provocam pobreza, a celebração da santa ceia ao molde das Igrejas Reformadas, encerrando a celebração com um passe de luz, elemento evidentemente copiado do espiritismo kardecista. Verifica-se ser um fenômeno essencialmente brasileiro.

Neste movimento com forte apelo à religiosidade popular necessariamente os mitos e símbolos abundam, tornando-se elementos obrigatórios e indispensáveis na existência da organização eclesiástica que o desenvolve, de tal maneira que Oliveira³ afirma que a presença personificada e manifestada do mal é indispensável para a sobrevivência da organização. Os símbolos, portanto, têm papéis preponderantes tais quais totens, possuindo um poder mágico na batalha contra o mal que se impetra no indivíduo, provocando desgastes práticos imediatos.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO NEOPENTECOSTALISMO: A TEODICEIA DUALÍSTICA E O SINCRETISMO NO NEOPENTECOSTALISMO, ORIGENS E ABRANGÊNCIAS NO POVO BRASILEIRO

Vale, a princípio, ressaltar a concepção de cultura que se tem como

³ OLIVEIRA, 2004.

norteamento. Obviamente, o senso comum pode fornecer ideias superficiais sob o que seja cultura. Para alguns cultura se refere a um conjunto de regras e normas de etiquetas sociais e comportamentos convenientes em determinada sociedade. Tal concepção, embora seja verdadeira, é restritiva, não abarcando a totalidade do fenômeno. Uma segunda concepção compreende cultura como algo paralisado, estático, sem vida. Refere-se principalmente ao acúmulo de produções artísticas de determinado povo em períodos históricos anteriores. Mas compreendidos como aquelas coisas que se podem encontrar em um museu. Uma terceira concepção imagina que cultura se refira ao conjunto de conhecimentos enciclopédicos que alguém possa adquirir. “Fulano é culto” geralmente se refere à educação bancária⁴ da qual uma pessoa possa ter eficazmente participado, se tornando pessoa de elevada capacidade de acesso informativo de conhecimentos teóricos anteriormente acumulados. Muitas vezes tais conhecimentos são quase que completamente dissociados da realidade prática.

Segundo Luis Gonzaga de Melo⁵ cultura não se refere apenas aos elementos pontuais mencionados anteriormente. Cultura se refere à toda produção social de determinado povo, relaciona-se com a língua-linguagem, com a produção artística, com toda a produção manual, industrial, com as regras de etiquetas, com as relações interpessoais, todos os elementos estruturais de um povo que fundamentam a sociedade. Enfim, a cultura sendo fenômeno essencialmente humano, aplica-se a todos os seres humanos.

É na perspectiva de cultura que se inclui, enraizada em todos os elementos de compreensão e cosmovisão de um povo, que os povos europeus que aqui desembarcaram encontraram povos milenares, que possu-

⁴ FREIRE, 2011. Ver também: FREIRE, 2005.

⁵ BATISTA, Ano 1, vol. 1, nov. / jun. 2010.

íam uma religiosidade difusa, não sistemática e relacionada com todos os elementos de sua existência, os povos indígenas.

Da mesma sorte, os povos africanos que aqui desembarcaram possuíam uma religiosidade de características animistas, com um mundo conceitual próprio, com uma teia mitológica completamente diversa dos povos europeus. Já os povos europeus cristãos compreendiam todos os fatores com a estranheza natural em relação ao desconhecido, ao mesmo tempo em que valorizavam o europeu e o branco em detrimento do originário ou africano e negro. “Essa combinação deu origem a um sincretismo, formando uma matriz simbólica, um núcleo comum, de natureza dualista. Mesmo não tendo compromisso com a teologia formal, essa teodiceia está presente em nossa religiosidade popular...”⁶

O termo Teodiceia, Theodiza Te(o) + Dike (justiça) foi criado pelo filósofo alemão Wilhelm Leibniz (1646-1716), em seu livro: “Ensaio da Teodiceia, que trata da bondade de Deus, liberdade do homem e origem do mal (1710).”⁷

1 - Conjunto de doutrinas que procuram justificar a bondade divina contra os argumentos tirados da existência do mal no mundo, refutando as doutrinas ateias que se apoiam nesses argumentos;

2 - Parte da filosofia que trata da demonstração racional da existência e natureza de Deus.⁸

1.1 O PROBLEMA DA TEODICEIA

A modernidade surge de um rompimento efetivamente grande com a realidade que o antecedeu. A Idade Média havia perdurado mil anos, durante os quais os valores absolutos eram determinados pela

⁶ OLIVEIRA, 2004.

⁷ ABBAGNAMO, 1960, p. 913.

⁸ Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986.

Igreja e com tais fatores toda a cosmovisão medieval. Há, no interior da civilização cristã europeia, um isolamento em relação às demais religiões e, conseqüente, aos demais povos, quais sejam: muçulmanos, budistas, hinduístas etc. e com tal isolamento o prejuízo provindo da falta do volume enorme de conhecimentos que possuía o mundo não cristão.

Diante de todo um mundo previsível de conhecimentos absolutos praticamente já esgotados, o Renascimento do Século XV balança todas as bases estruturais da sociedade até então existentes. O Renascimento foi um movimento histórico-filosófico de valorização e busca da cultura da Antiguidade Clássica, em especial da cultura greco-romana, que culmina por germinar o Racionalismo do Século XVI.

As verdades conhecidas pelo mundo cristão até então se viram questionadas de forma mais evidente, talvez, através da chamada Revolução Copérnica. Tal Revolução, liderada especialmente pelas contribuições de Nicolau Copérnico (1473-1543) e Galileu Galilei (1564-1642), tirou a religiosidade do centro da existência do ser humano medieval, escantiando-a para uma parte limitada como de uma existência de múltiplos elementos. A mudança se torna radical na medida mesma do Teocentrismo medieval para o Antropocentrismo. O Renascimento é humanista no sentido em que tira os seus olhos da divindade que não consegue compreender, o transcendente, totalmente outro, para algo mais tangível, palpável, o ser humano, tornando-o o centro e o alvo de toda investigação, bem como o Alfa e o Ômega de toda ação humana.

Tomando como exemplo o Racionalismo Cartesiano, cujo método da dúvida hiperbólica se torna ponto principal, *a priori* não tenta destituir a cosmovisão cristã medieval de importância e significado, mas

termina por contribuir neste sentido, visto que destitui a autoridade da Igreja como baluarte da verdade para estabelecer, em seu lugar, a dúvida metódica como fundamento do conhecimento humano.

Tal Racionalismo desemboca, futuramente, em uma supervalorização da razão humana como fundamento de todo conhecimento humano. Não mais um conhecimento mitológico, provindo da revelação, mas um conhecimento especulativo, filosófico, científico, cujo ápice ocorre no Iluminismo, fenômeno histórico-filosófico do Século XVIII, chamado de Século das Luzes, compreendendo tais luzes como luzes da razão humana. O Iluminismo supervaloriza a razão em detrimento do conhecimento religioso, Immanuel Kant (1724 - 1804) trata desse fenômeno nos livros *Crítica da Razão Pura* e *Crítica da Razão Prática*.

Há, no entanto, uma profunda diferença entre o Racionalismo Cartesiano e a teoria Kantiana, visto que enquanto o René Descartes (1596-1650) defendia a possibilidade de se conhecer essencialmente a realidade apresentada, Immanuel Kant afirmava que não é possível tal conhecimento, mas apenas a realidade tal como chega à razão pelos sentidos. Neste sentido, pois, dá enorme salto em direção ao relativismo que se configurará posteriormente.

A Alemanha estava no centro de toda essa efusão de ideias no Século XIX e início do XX. Foi ali que tais mudanças se viram representadas de maneira evidente na Reforma Protestante, no Século XVI, sob liderança principalmente de Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564), onde o catolicismo foi primordialmente atacado. Todas estas mudanças contribuíram em muito para o desenvolvimento da sociologia como ciência e tiveram fortes influências sob os estudos sobre religião do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920). Esse fato se observa em várias de suas obras, em especial, *Ética Pro-*

testante e o Espírito do Capitalismo (1904 e 1905) e Economia e Sociedade.

Weber se via no centro de uma discussão sobre a metodologia das ciências sociais. Alguns teóricos que lhe antecederam estudavam os fatos humanos e, particularmente, os fatos sociais, usando os métodos das ciências naturais, seja como a análise de um organismo vivo, seja como a análise de um mecanismo, tal como um relógio. Para Weber, no entanto, não era possível se estudar a sociedade sob estas metodologias, visto que a ação humana é carregada de sentido subjetivo. Portanto, tal estudo deveria visar captar a relação do sentido da ação, conhecer um fenômeno social é “extrair o conteúdo simbólico da ação ou ações que o configuram”.⁹

Para Weber existe uma certa racionalidade nas religiões, embora não obviamente a racionalidade em voga em sua época. Tal racionalidade se configura pela busca de sentido da existência, que não podia ser obtida pela razão instrumental. O mundo europeu de Weber sofria de um desencantamento do mundo, fenômeno mais fortemente verificado à partir da Renascença. Todo o mundo Antigo era rodeado pelo sagrado que dominava relações humanas desde o nascimento até a morte. O sagrado rodeava o ser humano em todas as suas circunstâncias. A partir da modernidade tal fenômeno começa a desaparecer em direção à um mundo desencantado, a ciência moderna oferece explicações naturais dos fenômenos da existência humana, o mundo moderno é de matérias e seres naturais, moldáveis, usáveis, subjugáveis, transformáveis para o consumo e a produção de riqueza humanas. A religião passa a ter lugar apenas ou na consciência individual ou na transcendentalidade absoluta que o excluía completamente das infinitudes da existência humana.

⁹ WEBER, 1980, p. 08.

No entanto o mundo moderno, segundo Weber, não consegue satisfazer as relações de sentido do ser humano moderno. Quanto maior a racionalização do mundo moderno, talvez mais fortemente surge um distanciamento entre a maneira como tal mundo é manipulado e a busca de sentido para a existência humana neste mundo. O ser humano moderno percebe o mundo que o cerca como possibilidade de manipulação segundo a sua imagem e semelhança, seja para a produção exclusiva de riqueza material, seja para a construção de uma identidade no mundo. Cada vez que o ser humano mais se percebe como senhor dos elementos materiais que o cercam, mas percebe o terrível limite da condição humana e sua mais profunda tendência à angústia.

A religião surge, pois, para muitas pessoas, como o único sistema que pode oferecer algum sentido para a existência humana.

O fiel que se pôs em contato com seu deus não é apenas um homem que percebe verdades novas que o descrente ignora, é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, seja qual for a forma, aliás, que conceba o mal.¹⁰

É diante do aspecto delineado anteriormente que o problema de teodiceia aparece, qual seja, a justificação, por parte de Deus, do mal e da morte no mundo¹¹. O ser humano percebe o problema do mal no mundo e procura explicações para ele. Tal sofrimento às vezes parece injusto; às vezes o mal prospera ao mesmo tempo em que há o declínio do bem. Não parece haver um sistema de recompensas que se possa considerar perfeito; a justiça.

¹⁰ DURKHEIM, 1989, p. 459.

¹¹ OLIVEIRA, 2004, p. 75.

Sendo Deus superior, soberano, onipotente e bondoso, como explicar a existência e até mesmo o aparente predomínio do mal? Deve haver alguma personificação do mal, uma força maligna que, separado de Deus e à revelia deste, produz dor, maldade, doença, morte e a consequente injustiça provinda destas relações. Surgem questões relacionadas à permissão passiva de Deus diante da ação maligna, ou de como manipular as forças divinas a seu favor, neutralizando a potência maligna na sua existência. Tais, pois, são as tensões que circulam os monoteísmos, os dualismos bem-mal, bem estar-sofrimento, vida-morte, justiça-injustiça, luz-trevas, Deus-satã. Tal é o problema central da Teodiceia.

Para Weber este é um problema exclusivo das religiões monoteístas, visto que o monoteísmo tem uma raiz única, o judaísmo, pelo qual o mesmo problema foi perpassado chegando ao cristianismo e islamismo.

... quanto mais próxima a concepção de um Deus único, universal e supramundano, tanto mais facilmente surge o problema de como o poder aumentado ao infinito de semelhante Deus, pode ser compatível com o fato da imperfeição do mundo que ele criou e governa.¹²

1.2 A TEODICEIA DUALISTA

Weber fez estudos na história das religiões sobre como respondiam à questão da busca de sentido da existência humana e suas naturais tensões e encontrou quatro tipos principais de teodiceia, como a seguir:

1 - a doutrina hindu do karma: o sofrimento da pessoa deve ter um propósito, a saber, purificação e obtenção de méritos para uma vida pos-

¹² WEBER, 1994, p. 351.

terior, de maneira que possa enfim se livrar das sucessivas reencarnações, se livrando definitivamente de sofrimento e morte.

2 - a doutrina da predestinação: compreende que há um decreto soberano com um propósito escondido, de maneira que todo o mal e sofrimento no mundo devem ter algum propósito maior oculto, de maneira que tal decreto possa, em virtude deste propósito, predestinar alguns para a salvação e outros para a condenação, bem como reger todos os demais elementos da existência humana.

3 - escatologia messiânico-mundano: baseia-se na compensação dos atos humanos em dois níveis, (1) a compensação do momento presente em um futuro imediato, qual seja uma renúncia feita agora para um benefício ainda nesta existência, e (2) a compensação de uma renúncia feita agora pra uma compensação em um futuro longínquo, tratando de uma renúncia feita agora para um benefício que se possa obter em uma outra vida após a morte. Diz grande parte da cristandade que a renúncia feita aqui tem compensação no céu, após a morte.

4 - a doutrina dualista Zaratustra: tal doutrina advoga a existência de um deus bom e um deus mal. O bem finalmente triunfará no final.

A doutrina Zaratustra originou-se no Irã por volta dos Séculos X à VI a.C. Tal doutrina apresenta uma verdadeira revolução. As principais revoluções sempre tiveram dificuldades em explicar o problema do mal no mundo, tentando equacionar as relações existentes entre a bondade e soberania de Deus em sua plenipotência e a existência do mal no mundo. O Zoroastrismo pela primeira vez na história dava uma resposta simples: Há duas forças divinas no mundo: Ahura-Mazda, senhor da luz, bom que em sua liberdade escolheu o bem e Angra Mainyu, senhor do mal e das trevas, que em sua plena liberdade escolheu o mal. Tais forças se equilibram no mundo, sendo que Ahura-Mazda triunfará no final, juntamente com quem o segue.

Todas as religiões postulam um Deus que é independente, poderoso e bom. Mas, como conciliar esse poder e bondade com a presença do mal no mundo? O dualismo retira da unidade de Deus uma parte do seu poder para preservar a sua bondade perfeita. Na verdade, o cristianismo sempre tem dificuldade em conciliar a bondade de Deus com a sua onipotência. No dualismo, esta bondade é preservada, a onipotência é sacrificada.¹³

Tal dualismo se caracteriza pela limitada visão trevas-luz, preto-branco, mal-bem que perpassa, em geral, toda cosmovisão do sujeito, que fatalmente etiquetará todos os elementos individuais, pessoas e tudo o que se refere à sua espiritualidade, determinando suas relações interpessoais, suas relações com os elementos básicos da existência, enfim, tudo o que se relaciona ao mesmo do nascimento e da compreensão do que seja nascimento até à morte e o que se compreende da mesma. É tal teodiceia que mais se verifica no neopentecostalismo.

Embora provindo do movimento pentecostal que lhe antecede, o neopentecostalismo tem características distintas, com ênfase na Teologia da Prosperidade e, conseqüentemente, a confissão elementar de que o cristão deve ter saúde, prosperidade financeira, bem estar emocional etc. aproximados da perfeição. Tal concepção provém dessa crença dualística do mundo: de um lado, a Divindade como um Pai generoso, ser de bondade, misericórdia, graça e sempre que algum bem é verificado no mundo, é sua ação miraculosa que o produz, que apenas deseja para os filhos bem estar generalizado, mas que, para tal, depende da fé que o indivíduo exerça, uma espécie de limitação de onipotência. De outro lado as esferas malignas, cuja única ocupação seria propiciar individualmente mal estar generalizado na saúde

¹³ RUSSEL, 1991, p. 85.

física, vida financeira, questões emocionais etc., dos indivíduos. Sempre que o mal, a desgraça, a injustiça são verificadas na experiência prática é a ação perturbadora do Diabo que os provoca, uma espécie de imbecilidade patogênica, o que lhes impedem de opções de ação mais elevadas, ainda que maléficas. Para os neopentecostais esses opostos se digladiam na tentativa de obterem a posse do indivíduo, mais ou menos como uma possessão, de onde provém os efeitos maléficos, no caso do lado demoníaco, ou benéficos, no caso de Deus mesmo vencer tal disputa, tal luta é chamada de Batalha Espiritual. Para HAGIN, “Nós, como cristãos, não precisamos sofrer reveses financeiros; não precisamos ser cativos da pobreza ou da enfermidade. Deus proverá cura e prosperidade para os seus filhos se eles obedecerem aos seus mandamentos...”.¹⁴ Pode-se procurar alguma afinidade e origem com a Ética Protestante, na linguagem de Weber.¹⁵

No interior deste dualismo simplista do mundo e da fé como elemento de resolução efetivo dos problemas humanos mais evidentes¹⁶, elementos de contato provindos da religiosidade popular brasileira nas suas mais diversas ramificações, foram gradualmente acrescentados, seja como símbolos apenas, seja como verdadeiros totens, que em si carregam poderes místicos capazes de deterem o avanço do mal, ou absorvendo-os em si mesmos, ou expulsando-os do ambiente em que se encontram. Evidentemente tais elementos possuem um preço que corresponde ao nível de fé que o indivíduo possui, mais ou menos como uma versão moderna das indulgências medievais.

Tal compreensão sobre a personificação do mal é teorizada pelo bispo Edir Macedo em seu livro intitulado *Orixás, Caboclos e Guias*:

¹⁴ HAGIN, s. d., p. 66.

¹⁵ WEBER, 2001.

¹⁶ SCHIMIDT; ALTMANN, 1995.

Deuses ou Demônios? de 1982. Na IURD o dualismo é a única forma de interpretação para a existência do mal e nesta perspectiva toda a sua existência e sobrevivência se baseia e desenvolve. É no seu bojo que toda essa diversidade cultural brasileira mais se verifica evidente. Todo o mal, sofrimento, doença, pobreza no mundo advém do diabo e de seus demônios cuja única finalidade é roubar, matar e destruir, sendo por excelência inimigo de Deus, das pessoas como criaturas de Deus e de todo o bem que possa existir no mundo. O que talvez seja mais especificamente um fenômeno brasileiro seria associar essa personificação com a mítica dos cultos afros, como afirma Macedo:

Toda a verdade a respeito dos demônios, cultuados como deuses na religiões afrobrasileiras - vodu, macumba, quimbanda, candomblé ou umbanda. A Oxum, Iemanjá, Ogum, orixás e exus, acrescentam-se, ainda, os demônios que se apresentam como espíritos evoluídos, ou em evolução do kardecismo e em outras ramificações espíritas ou espiritualistas.¹⁷

Na perspectiva mencionada acima, a pessoa do diabo toma parte efetiva e central na liturgia, sendo a sua menção plena em todo o momento e o ponto culminante a sua expulsão, ou diretamente mediante exorcismo ou indiretamente mediante os pontos de contato ou outros elementos simbólicos aos quais o mal não pode resistir. Deus, portanto, só pratica atos que trazem benefícios diretos ao crente, tais como, prosperar, curar, alegrar, dar sucesso pessoal e familiar etc., tornando-se algo parecido com os deuses familiares da antiguidade. No entanto, Deus não retira de todo o mal do mundo, mas apenas da vida daqueles que tem e exercem sua fé nele. Tal fé é exercida de maneira prática na participação das atividades práticas da liturgia da IURD.

... um demônio é uma personalidade, um espírito que deseja se expressar, pois anda errante procurando corpos que possa pos-

¹⁷ MACEDO, 1982, p. 16.

suir para através deles cumprir sua missão maligna (...) na realidade, orixás, caboclos e guias, não são deuses. Os exus, os pretos-velhos, os espíritos de crianças são todos espíritos malignos.¹⁸

Ao possuir os corpos das pessoas, os demônios contaminam com os seguintes sinais de possessão: mudez, cegueira, demência, manias suicidas, males físicos, vários defeitos e deformidades físicas, além de nervosismo, dores de cabeça constantes, insônias etc.¹⁹

Conforma já mencionado, a sociedade brasileira tem uma origem mista de três culturas básicas: a indígena, a europeia e a africana. Todas estas três religiões oferecem contribuições na formação de uma matriz simbólica, um denominador comum ainda em construção na sociedade brasileira, mas já de alguma forma minimamente delineado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o ser humano um ser social, afirma Durkheim: “A ideia de sociedade é a alma da religião”.²⁰ A religião se desenvolve dentro do escopo social, na vida em sociedade e da vida em sociedade. Segundo Durkheim, quase todas as instituições sociais nasceram da religião.²¹ A alma de uma sociedade é revelada no sentido que dá à existência, no valor que dá à vida humana, no grau de consciência social, de maneira que sociedade e religião se tornam um todo indivisível.

É na perspectiva mencionada acima que se percebe na sociedade brasileira uma teodiceia dualista comum à maioria das pessoas. Tal dualismo é verificado em todas as principais religiões e na realidade da existência ordinária da maioria da população brasileira, reproduzindo sem-

¹⁸ MACEDO, 1982, p. 17-18.

¹⁹ MACEDO, 1982, p. 56.

²⁰ DURKHEIM, 1996, p. 496.

pre as relações sociais existentes na sociedade desde sua origem. Tal se verifica na facilidade com que certa parcela da população facilmente aceita posições de poder sobre si, aceitando passivamente sua situação de submissão em relação a líderes que possuem a autoridade do sagrado sem questionamentos, reproduzindo, na religião, as relações de poder de uma sociedade severamente hierarquizada.

A religiosidade popular brasileira, em geral, tem quatro características básicas, segundo Oliveira:²²

1. atitude de dependência - o povo brasileiro sofreu um processo de colonização de exploração e total subjugação, refletindo certa passividade e fatalismo diante das situações difíceis. Em uma visão de completa dominação, a magia podia ser um meio de tentativa de manipular o poder divino em seu benefício, na esperança de desviar de si o sofrimento sem diretamente afrontar as relações de poder injustas, em vistas de sua impotência de confronta-las.

2 - Privatização da religião - diante das desigualdades injustas do Brasil e da perspectiva de que tudo corre como Deus quer, só resta ao indivíduo recorrer aos céus para que de lá venham socorro aos problemas pessoais na terra, tais como, saúde, emprego e moradia.

3 - Gregarismo - embora não seja próprio da religiosidade popular brasileira a formação de comunidades autóctones, a religiosidade popular em geral se alimenta de atos coletivos. As atividades em grupo, bem como o espírito festivo do brasileiro, estão fortemente vinculados, de maneira que as maiores festas do país incluem procissões, romarias, concentrações pentecostais, passeatas bíblicas etc., dando ao povo um senso de pertença.

4 - Necessidade de sinais concretos - a religiosidade popular em geral acredita que sinais concretos possuem algum poder sobrenatural no

²¹ DURKHEIM, P. 496.

sentido de afastar a presença do mal, trazendo boas energias ou outra nomenclatura qualquer neste sentido. Tais sinais podem ser: amuletos, talismãs, palavras, gestos, pessoas, imagens etc.

Oliveira define a teodiceia dualista comum como

Um conjunto de crenças que incluem ritos e práticas religiosas que são elaboradas a partir da religiosidade popular e que é a expressão das várias maneiras de como o homem tenta fazer a mediação com o sagrado, tentando eliminar as tensões entre forças divinas e demoníacas, representadas na luta entre o bem e o mal.²³

Todas as manifestações religiosas indígenas e africanas foram compreendidas pelos missionários europeus como demoníacas em virtude da estranheza ao observador europeu. Cabia, portanto, ao europeu e aos seus descendentes subjugar tais povos na perspectiva da libertação de sua opressão demoníaca, libertando-o por fim mediante à completa negação e aniquilamento de sua religiosidade e conversão plena ao cristianismo católico europeu. No entanto a subjetividade de tais religiões não desapareceram completamente das gerações posteriores dos que assim se convertiram ao catolicismo, nem mesmo as manifestações destas religiosidades nos não convertidos. Tais elementos permaneceram no inconsciente coletivo dos brasileiros, de maneira a formarem um núcleo sintético comum de natureza dualista mais ou menos permeando todas as manifestações religiosas. É deste núcleo comum que fortemente se valerá a IURD em todas as suas atividades litúrgicas.

²² OLIVEIRA, 2004, P. 90-92.

²³ OLIVEIRA, 2004, P. 96.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Ed. Mestre Joy. São Paulo: 1960.
- BATISTA, Jefferson Alves. Revista saber eletrônico. *Reflexões sobre o conceito antropológico de cultura*. Ano 1, vol. 1, nov. /jun. 2010.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HAGIN, Kenneth. *Novos limiares da fé*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s. d.
- MACEDO, Edir. *Orixás, Cablocos e Guias: Deuses ou Demônios?* 3. ed. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1982.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- OLIVEIRA, Estevam Fernandes. *Conversão ou adesão*. São Paulo: Proclama, 2004.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. *O diabo: as percepções do mal da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SCHIMIDT, Ervino; ALTMANN, Walter. *Inculturação e sincretismo*. Porto Alegre: CONIC-IEPG, 1995.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2001.
- _____. *Coleção os Pensadores: Max Weber*. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.